

**INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA (IFSC)**  
**CENTRO DE REFERÊNCIA EM FORMAÇÃO E EAD (CERFEAD)**  
**ESPECIALIZAÇÃO EM TECNOLOGIAS PARA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL**

**METODOLOGIAS ATIVAS DE APRENDIZAGEM NO ENSINO DE ALUNOS  
AUTISTAS**

**Trabalho de Conclusão**  
**EMANUELE STAUDT DIAS**

**Florianópolis/SC**  
**2019**

**EMANUELE STAUDT DIAS**

**METODOLOGIAS ATIVAS DE APRENDIZAGEM NO ENSINO DE ALUNOS  
AUTISTAS**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Centro de  
Referência em Formação e EaD (CERFEAD) do Instituto Federal de  
Santa Catarina (IFSC) como requisito parcial para Certificação do Curso  
de Pós-Graduação *lato sensu* em Tecnologias para Educação Profissional.

Orientador: José Pedro Schardosim Simão, Me.

Florianópolis/SC

2019

**EMANUELE STAUDT DIAS**

**METODOLOGIAS ATIVAS DE APRENDIZAGEM NO ENSINO DE ALUNOS  
AUTISTAS**

Este Trabalho de Conclusão foi julgado e aprovado para a obtenção do título de Especialista em Tecnologias para Educação Profissional do Centro de Referência em Formação e EaD do Instituto Federal de Santa Catarina (CERFEAD/IFSC).

Florianópolis, 02 de dezembro de 2019.

Prof.<sup>a</sup> Caroline Lengert, MSc.  
Coordenadora do Programa

**BANCA EXAMINADORA**

.....  
Prof. José Pedro Schardosim Simão, Me. - Orientador

.....  
Prof.<sup>a</sup> Caroline Lengert, M<sup>a</sup>

.....  
Prof.<sup>a</sup> Cléia Demétrio Pereira, Dr.<sup>a</sup>

Dedico esse trabalho de pesquisa ao meu anjo azul Arthur Staudt Da Silva, motivo pelo qual ingressei nesse universo do autismo para compreendê-lo melhor e ser uma mãe e professora melhor.

## **AGRADECIMENTOS**

Determinadas pessoas fizeram parte de minha jornada a elas dedico e agradeço.

Agradeço a Deus primeiramente por ter permitido chegar até aqui.

Ao meu esposo com amor Dionatan Felipe por ter sido meu parceiro nessa jornada.

Aos meus filhos Arthur e Johann que tiveram de dividir o seu tempo com meus estudos e Maísa minha bebê que estava dentro de mim e nasceu nas vésperas do término deste curso.

Finalmente, agradeço àqueles que me ajudaram de alguma forma, professores que contribuíram de forma maravilhosa durante todo o curso e principalmente ao meu orientador pelo suporte e tempo dedicados a mim.

“Temos o direito de ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito de ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades”.

(Boaventura de Souza Santos)

## RESUMO

STAUDT DIAS, Emanuele. **METODOLOGIAS ATIVAS DE APRENDIZAGEM NO ENSINO DE ALUNOS AUTISTAS**. 2019. Trabalho de Conclusão (Curso de Pós-Graduação *lato sensu* em Tecnologias para Educação Profissional) – Instituto Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, 2019.

Incluir alunos com deficiência no mercado de trabalho é o objetivo de qualquer escola que efetivamente se preocupa com uma sociedade mais justa e igualitária. Dentre as diversas deficiências, síndromes e transtornos existentes o Transtorno do Espectro Autista talvez seja um dos mais complexos tanto para entender quanto para compreender devido às dificuldades de se diagnosticar, o qual ainda não se sabe a causa, isso faz com que o processo de ensino aprendizagem de alguém com o transtorno necessite de um olhar diferenciado a fim de que ele aprenda e se desenvolva de forma efetiva. Pelas peculiaridades desse espectro e suas características peculiares o objeto de estudo foram professores de alunos com TEA (transtorno do espectro autista) e a possibilidade de utilizar metodologias ativas como forma de fomentar a independência desses alunos e melhorar sua aprendizagem. Observou-se ao longo da pesquisa a falta de estrutura e de preparo por parte da escola e profissionais, para enfrentar as dificuldades inerentes ao transtorno. Precisamos evoluir não apenas nas metodologias escolhidas e critérios avaliativos, como ter um olhar mais humano, é fundamental que a escola tenha uma gestão onde a inclusão seja rotina e não segregue ainda mais um aluno que já sofre preconceito na rua e até mesmo em casa, a escola precisa ser para ele um lugar de acreditar e desenvolver seu potencial de forma acolhedora e humana.

**Palavras-chave:** Inclusão. Transtorno do Espectro Autista. Metodologias Ativas De Aprendizagem.

## RÉSUMÉ

STAUDT DIAS, Emanuele. **METODOLOGIAS ATIVAS DE APRENDIZAGEM NO ENSINO DE ALUNOS AUTISTAS**. 2019. Trabalho de Conclusão (Curso de Pós-Graduação *lato sensu* em Tecnologias para Educação Profissional) – Instituto Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, 2019.

L'inclusion des étudiants handicapés sur le marché du travail est l'objectif de toute école soucieuse d'une société plus équitable et plus égalitaire. Parmi les nombreuses carences, syndromes et troubles existants, le trouble du spectre autistique est peut-être l'un des plus complexes à comprendre et à comprendre en raison des difficultés de diagnostic, dont la cause n'est pas encore connue, rend le processus d'enseignement difficile. Apprendre d'une personne atteinte du trouble nécessite un regard différencié pour qu'elle puisse apprendre et se développer efficacement. En raison des particularités de ce spectre et de ses caractéristiques particulières, l'objet de l'étude était les enseignants d'étudiants atteints de TSA (trouble du spectre autistique) et la possibilité d'utiliser des méthodologies actives, plus précisément l'apprentissage par projet, afin de favoriser leur indépendance et d'améliorer leur autonomie. votre apprentissage. Tout au long de la recherche, il a été observé que l'école et les professionnels manquaient de structure et de préparation pour faire face aux difficultés inhérentes à la maladie. Nous devons évoluer non seulement dans les méthodologies choisies et les critères d'évaluation, tels que l'apparence plus humaine, il est essentiel que l'école ait un management où l'inclusion est courante et qui ne sépare pas davantage un élève qui subit déjà des préjugés dans la rue et même à la maison, L'école doit être pour lui un lieu de conviction et de développement de son potentiel accueillant et humain.

**Mots-clés:** Inclusion. Trouble du spectre autistique. Méthodologies d'apprentissage actif.



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1.1 Problema.....</b>	<b>10</b>
<b>1.2 Justificativa.....</b>	<b>11</b>
<b>1.3 Motivação.....</b>	<b>12</b>
<b>1.4 Objetivos: Geral e específicos .....</b>	<b>13</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>15</b>
<b>2.1 Educação Inclusiva .....</b>	<b>19</b>
<b>2.2 Transtorno do espectro autista.....</b>	<b>23</b>
<b>2.3 Metodologias Ativas de Aprendizagem .....</b>	<b>27</b>
<b>3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>31</b>
<b>4. RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>35</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>38</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>37</b>
<b>APÊNDICE: QUESTIONÁRIOS GRUPOS FOCAIS.....</b>	<b>45</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Compreendendo a importância do tema da inclusão no processo educacional surge o questionamento quanto aos modelos educacionais que temos hoje e a forma como nossas escolas estão trabalhando a fim de receber e ensinar alunos com deficiências, prioritariamente quanto ao uso de tecnologias e novas metodologias, especificamente com alunos autistas.

Baseado nas dificuldades de aprendizagem encontradas pelos autistas nas escolas é que surge a ideia de investir nas metodologias ativas que têm como objetivo promover no aluno uma concepção mais reflexiva e crítica em que as suas habilidades e competências serão desenvolvidas para que este encontre soluções adequadas para os problemas vivenciados na sua formação. Mas também propor ao professor uma reflexão sobre a sua prática em sala de aula e uma reformulação dos métodos utilizados para atender as especificidades dos alunos acompanhando as mudanças sociopolíticas, financeiras e tecnológicas na sociedade moderna.

A adaptação curricular envolve modificações organizativas tanto nos objetivos, nos conteúdos, nas metodologias quanto nas organizações da didática permitindo ao educando atendimentos específicos as suas necessidades educativas envolvendo toda a equipe pedagógica da instituição.

### 1.1 Problema

Defende-se que podemos incluir metodologias ativas nesse processo educacional desde que utilizando recursos, ferramentas e objetos adequados. Como o uso de metodologias ativas pode contribuir na aprendizagem e desenvolvimento do aluno autista?

Partindo de tal pergunta é que surgiu a necessidade desta pesquisa com intuito de ter a compreensão de como é possível efetivamente realizar dentro da escola, a preparação, a capacitação de alunos com deficiências, a fim de estarem aptos a posteriormente ingressar no mundo do trabalho, e percorrer os caminhos profissionais da educação.

Hoje, respeitar e cumprir leis que impõem às empresas contratar pessoas com deficiências a partir de um determinado número de funcionários tem sido algo importante no processo de inclusão, e preparar esse público de fato tem sido um

desafio para todos na sociedade. Faz-se necessário entender de que forma e, quais metodologias de trabalho são possíveis de serem implantadas aos futuros colaboradores que, preparados para as funções do trabalho, certamente contribuirão com o crescimento e desenvolvimento das empresas, desde que estejam dispostas a trabalhar com os mesmos e aceitá-los, pois senão a inclusão será meramente obrigatória e excludente na prática.

Esse processo se inicia lá na escola em que ele está inserido desde a educação infantil até a formação profissional através do ensino técnico ou de nível superior. Na escola, não basta o aluno estar matriculado, isso apenas o insere no contexto escolar, precisamos propor metodologias pedagógicas para que ele aprenda da forma que ele consegue, dentro de suas limitações explorando suas potencialidades, respeitando suas diferenças, sejam elas motoras cognitivas ou intelectuais, de forma a atingir a excelência e o sucesso.

## **1.2 Justificativa**

Esta pesquisa se justifica por ter sido observado que algumas escolas incluem os alunos por força da lei e desta forma o aluno fica excluído e assim sendo através da metodologia ativa utilizando as tecnologias assistivas esta situação seria revertida. Também foi observada a dificuldade que tem se encontrado em integrar os alunos que possuem alguma necessidade especial nas instituições de ensino.

As metodologias ativas de aprendizagem tornam-se uma escolha interessante devido às características e potencialidades encontradas nessa opção, é uma metodologia em que os alunos se envolvem com tarefas e desafios para desenvolver um projeto ou um produto, e até mesmo encontrar soluções para problemas existentes.

Dentre as possibilidades dessa metodologia estão a aprendizagem baseada em projetos, a sala de aula invertida, o ensino híbrido, atividades baseada em problemas (PBL), estudos de caso, aprendizagem em pares, entre times (TBL), gamificação, rotação por estações, todas essas possibilidades integram diferentes conhecimentos e estimulam o desenvolvimento de competências, como trabalho em equipe, o que é difícil para um autista num contexto normal, protagonismo e pensamento crítico. Tudo começa com um problema ou questão que seja desafiadora,

que não tenha resposta fácil e que estimule a imaginação. O método faz com que o aluno tenha um papel ativo para seu aprendizado.

Por fim, é possível destacar a existência de vários benefícios tanto para a comunidade acadêmica quanto para a instituição de ensino com a utilização das metodologias ativas de aprendizagem. Sendo que os alunos:

- Adquirem maior autonomia;
- Desenvolvem confiança;
- Passam a enxergar o aprendizado como algo tranquilo;
- Tornam-se aptos a resolver problemas;
- Tornam-se profissionais qualificados e valorizados.

Portanto, a aplicação de metodologias ativas de aprendizagem tem um papel importante para a educação, especialmente no Brasil, onde o setor necessita de transformações substanciais. Por isso, é preciso investir não somente em bons conteúdos, mas se faz necessário ter consciência de que aprimorar os procedimentos usados para educar é algo extremamente relevante.

### **1.3 Motivação**

Este estudo aspira contribuir de maneira educacional e social para encontrar respostas significativas que levem ao atendimento dos alunos inclusos em todas as suas necessidades seja elas físicas, cognitivas, intelectuais, afetivas e sociais.

A relevância do trabalho se faz tanto para a comunidade escolar, o sistema de ensino, aos educadores quanto para os alunos com necessidades educativas especiais, pois mostra maneiras de remover os conflitos que impedem e dificultam no processo de ensino aprendizagem e na participação dos alunos em atividades escolares e na vida social.

Partindo do pressuposto de que cada aluno aprende de uma forma diferente, independentemente de ter alguma deficiência ou não, as metodologias ativas trazem ideias inovadoras e interessantes para trabalhar com ambas as situações escolares.

O motivador da escolha desse tema é o fato de a autora ser professora de alunos com síndromes e deficiência, além de mãe de dois meninos (um com altas habilidades e o outro autista leve), o que fez com que seu interesse se ampliasse para

reavaliar suas aulas e dar suporte aos filhos, e nada melhor para isso do que utilizar metodologias ativas em prol da educação, pesquisa e desenvolvimento.

Esta pesquisa parte do interesse e questionamento sobre como utilizar as metodologias ativas, ideia esta que coloca o aluno como personagem principal e o maior responsável pelo processo de aprendizado. Sendo assim, o objetivo desse modelo de ensino é incentivar que os estudantes desenvolvam a capacidade de absorção de conteúdos de forma autônoma. Para tal se faz necessário conhecer suas especificidades, nesse objeto de estudo, no contexto da educação especial no ambiente escolar dito “normal”, como isso acarreta melhorias no aprendizado de todos os alunos, prioritariamente claro, alunos com deficiência.

#### **1.4 Objetivo**

Com esta pesquisa pretende-se que tanto as escolas e como os profissionais de educação tenham a oportunidade de apropriar-se de um ambiente de aprendizagem mais adequado aos alunos com necessidades educativas especiais.

Dessa forma, o objetivo principal deste trabalho é entender de que forma pode-se melhorar o aprendizado, as condições de estudo aos alunos autistas dentro das escolas utilizando metodologias ativas, ampliando olhar para envolvimento de uso de tecnologias nesse processo e posteriormente conseguir inseri-lo satisfatoriamente no mercado de trabalho como força de trabalho realmente capacitada.

A discussão começa em entender todo esse processo de ensino aprendizagem pelo qual passam escola como um todo e aluno. Para tanto estabelecemos alguns objetivos específicos:

- Compreender a realidade da aprendizagem dos alunos autistas,
- Observar o que tem sido feito e o que pode ser melhorado no processo de aprendizagem do aluno a fim de que ele utilize todo o seu potencial, capacidade, habilidades e competências.
- Analisar como funciona a gestão nas escolas para tal situação, como o professor trabalha e quais as condições a escola como um todo oferece.
- Norteados sempre pelo objetivo geral que é analisar de que forma a utilização de metodologias ativas pode contribuir na melhoria das condições do aluno autista na escola.

O objeto de estudo baseia-se na análise de 3 escolas regulares, 1 escola de educação infantil municipal, 1 escola de ensino fundamental estadual e 1 escola de ensino médio e técnico estadual, além de conversas para mais esclarecimentos com a equipe multidisciplinar da APAE, com intuito de analisar a forma como os profissionais orientam no processo educacional dos alunos autistas e o que realmente é feito para seu ensino e aprendizagem, observando como as metodologias ativas de aprendizagem podem auxiliar nesse processo.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Cada síndrome ou deficiência tem características muito específicas e muitas peculiaridades, o que desperta uma necessidade urgente de rever metodologias de ensino para a sala de aula e um engajamento dos profissionais envolvidos para se alcançar o sucesso nesse processo. Apresentando aos estudantes às mesmas condições de participação e desenvolvimento que os demais, permitiremos que eles possam aprender ainda que de forma diferenciada tudo o que as disciplinas têm a oferecer.

Torna-se fundamental entender o contexto da educação “especial” para que ela evolua e as chances disso acontecer são enormes desde que possamos repensar as formas como trabalhamos, metodologias inovadoras e muitas vezes o desafio seja quebrar paradigmas, abandonar em parte ideias preconcebidas e investir em novos modelos mais dinâmicos e cheios de potencial como as metodologias ativas permitem.

É preciso abordar as características e os serviços prestados no ensino das escolas do Brasil. Baseado em leis existentes em defesa do acesso à educação para deficientes e a exigência das referidas leis que esses alunos tenham oportunidades iguais no encaminhamento ao mercado de trabalho a fim de participar da “concorrência” por uma vaga da mesma forma sendo inclusive direito esse garantido por lei.

Os direitos individuais e coletivos garantidos pela Constituição Federal Brasileira impõem às autoridades e à sociedade como um todo, a obrigatoriedade de atingir a efetividade fundada na Lei 7.853, de 1989, que dispõe sobre o apoio às Pessoas com deficiência, e sua integração social. Requerem, portanto, ações voltadas para atender alunos com necessidades educacionais especiais. Assim há possibilidade real de preparação técnica, conceitual e humana para que o ingresso no mercado de trabalho aconteça de forma eficiente e eficaz e não apenas como mero cumprimento de leis.

Se voltarmos um pouco no tempo e observarmos veremos que o assunto deficiência não é novidade, desde muito há casos mesmo que nem sempre tenham o nome científico pelos quais conhecemos hoje, mas sempre existiu um deficiente o que ocorria era de isso ficar a parte da sociedade como algo errado, por não saberem definir o que era e suas causas.

Segundo Coll et al. (2004) a educação especial viveu profundas transformações durante o século XX. Começam a surgir movimentos sociais reivindicando investimentos e igualdade entre cidadãos com e sem deficiência, passa-se a pensar, ainda que lentamente, na educação dessas pessoas, que até então ficavam à margem da sociedade, pois eram consideradas incapazes imperfeitas.

Warnock (1978 apud COLL et. al., 2004, p.24), distinguiu três principais formas de integração: física, social e funcional. A integração física ocorre quando as classes ou unidades de educação especial são inseridas na escola regular, mas continuam mantendo uma organização independente, embora possam compartilhar alguns lugares, como o pátio ou o refeitório. A integração social supõe a existência de unidades ou classes especiais na escola regular, em que os alunos escolarizados nelas realizam algumas atividades comuns com os demais colegas, como jogos e atividades extras escolares. A Integração funcional é considerada a forma mais completa de integração. Os alunos com necessidades educativas especiais participam, em tempo parcial ou completo, nas classes de ensino comum e incorporam-se à dinâmica da escola.

Enquanto processos sociais, a integração e inclusão são ambos muito importantes. O objetivo almejado é caminhar para atingirmos a meta de uma sociedade inclusiva. Enquanto isso não acontece de forma plena, a integração social terá uma parte decisiva a cumprir, cobrindo situações nas quais ainda haja resistência contra a adoção de medidas inclusivistas (SASSAKI, 1997, p.43).

De fato nem todas as pessoas com deficiência necessitam que a sociedade seja modificada, pois algumas estão aptas a se integrarem nela assim mesmo. Para muitos a inclusão é algo bem distante, enquanto a sociedade não quebrar as barreiras arquitetônicas e principalmente as barreiras atitudinais. Podemos dizer que vivemos um período de transição pelo fato de já termos muitas leis criadas para melhoria da vida e valorização da dignidade do deficiente e uma preocupação maior com seu aprendizado e desenvolvimento, no entanto ainda assim estamos num processo evolutivo que ainda precisa melhorar desmistificar ideias e criar concepções de uma sociedade que viva em equidade.

Na educação há várias fases como a da exclusão onde nada é feito para ensinar, a sociedade ignora o indivíduo como se a deficiência fosse algo sobrenatural, cheia de preconceito e misticismo, muitos deficientes eram mortos outros tantos escondidos da sociedade. Já na fase da segregação os deficientes ficavam alheios



ao mundo, separados da sociedade em abrigos ou locais religiosos longe da família e também sem nenhum recurso ou preocupação com seu bem-estar e desenvolvimento, vão surgindo escolas específicas para separá-los dos demais alunos, escolas para deficientes. Na fase da integração surge a possibilidade de colocar esses alunos em classes comuns com alunos considerados “normais”, passa-se a pensar no indivíduo enquanto alguém com inteligência e capacidade. A inclusão de pessoas com deficiência na educação vem sendo feita no Brasil, de forma recente e tem sido discutida em congressos e eventos inclusive internacionais a fim de evoluir e desenvolver porque se acredita na pessoa com deficiência e suas possibilidades e não como inválidas e incapazes como por muito tempo se julgou.

A inclusão social é o processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade (SASSAKI, 1997).

Cada deficiência tem suas características, dificuldades específicas, e cada aluno tem suas peculiaridades o que faz com que o processo de aprendizado seja diferente entre estudantes inclusive com a mesma deficiência.

Isso nos remete a vários questionamentos de ordem prática, tais como:

- Referente à acessibilidade,
- Se há materiais para trabalhar com esse aluno,
- Tipo de metodologia utilizada para ensinar,
- Quais os critérios avaliativos utilizados,
- De que forma é possível ambientá-los e ajudá-los em seu desenvolvimento?
- Como melhor atuarmos e o que faremos para melhorar?

Todas essas perguntas muitas vezes ficam sem respostas, ou pior, têm respostas negativas, o que é preocupante porque não é matricular um aluno na escola que faz dele um ser incluído, ao contrário estamos apenas inserindo ele no contexto, o colocamos numa situação onde haverá segregação, a menos que a escola como um todo tenha políticas pedagógicas específicas e bem estruturadas para recebê-lo de forma que ele realmente faça parte do processo, que tenha acesso a todos os meios e possibilidades de aprender como os demais, que ele tenha possibilidade de desenvolver suas capacidades e habilidades ainda que de acordo com suas

particularidades e dificuldades. Muitos autores, pesquisadores da área da educação vêm tratando destas incógnitas com a preocupação em apresentar soluções possíveis para entender melhor o contexto reduzindo as exclusões e minimizando os preconceitos.

Com base nas perguntas podemos trazer algumas reflexões para os educadores para pensar dentre as situações adversas que as escolas, em especial as públicas, no Brasil têm em se adequar e se preparar para receber os alunos e de como é importante à formação dos seus profissionais para prestarem um serviço mais efetivo com resultados positivos para a sociedade como um todo.

Ao refletir sobre a abrangência do sentido e do significado do processo de Educação inclusiva, estamos considerando a diversidade de aprendizes e seu direito à equidade. Trata-se de equiparar oportunidades, garantindo-se a todos, inclusive às pessoas em situação de deficiência e aos de altas habilidades/superdotados, o direito de aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a conviver (CARVALHO, 2005).

Segundo Mantoan (2006), em seu livro sobre Inclusão Escolar a autora tem como principal foco o aprender e o ensinar em uma escola aberta às diferenças e a todos os alunos. Nesta perspectiva, a educadora defende que se precisa focar em como o aluno aprende e como fazer para que ele não se sinta incapaz no contexto da escola.

É notória a ocorrência de uma crise no processo de ensino aprendizagem dos alunos tornando-se necessário avaliar o papel da escola no seu desenvolvimento integral.

Dessa forma, o acesso ao currículo deve ser dado considerando sempre a programação curricular da escola e a elaboração do projeto pedagógico e o plano de ensino do educador. Visto isso, o conteúdo a ser ministrado e as formas que se ensinam e avaliam, são definidas como alterações realizadas nos critérios e procedimentos de avaliação, atividades e metodologias para atender às diferenças de cada educando, adotando métodos e técnicas de ensino e aprendizagem específicas quando necessário, portanto, as adaptações são organizadas para facilitar o processo de ensino-aprendizagem.

## **2.1 Educação Inclusiva**

Há muito se tratam de questões legais quanto à inclusão em todos os aspectos, sejam nas condições de vida, atendimentos, direitos a educação, cidadania, vida em sociedade e trabalho. Para tentar resolver ou ao menos amenizar essas desigualdades foram criadas leis tanto para definir os direitos da pessoa com deficiência em âmbito geral como outras determinantes, exemplo disso é o estatuto da pessoa com deficiência.

Conforme a Lei nº 13.146, de 6 de Julho de 2015 (BRASIL, 2015), em seu Capítulo I artigo 1º é instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania.

A referida lei assim como as demais criadas posteriormente vem de encontro à necessidade de legalizar um direito que por muitas vezes foi negado a pessoa com deficiência no sentido de igualdade de condições.

Na sequência o Art. 2º “Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.” (BRASIL, 2015, on-line).

Podemos observar também no capítulo II art. 4º a afirmativa de que “toda pessoa com deficiência tem direito à igualdade de oportunidades com as demais pessoas e não sofrerá nenhuma espécie de discriminação.” (BRASIL, 2015).

Por conseguinte o capítulo IV art. 27 diz que “a educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurado sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo da vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagens.” (BRASIL, 2015, on-line).

Tantas leis foram criadas, defendidas inclusive pela Lei de Diretrizes e Bases – LDB Lei 9394/96 (BRASIL, 1996) onde defende as responsabilidades do estado e da família sobre a escolaridade desde ensino fundamental e médio ao ensino superior para que a pessoa com deficiência tenha o mesmo acesso de quem não possui

deficiência, tem como intuito permitir o direito a dignidade e educação de qualidade nas mesmas condições que os demais sem discriminação.

Dentre as diversas deficiências, síndromes e transtornos amparados pelas referidas leis, destacamos aqui a Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012 (Lei Berenice Piana) (BRASIL, 2012) que institui a 'Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista' e estabelece diretrizes para sua consecução, assegurando às pessoas com autismo os mesmos benefícios legais das pessoas com deficiência, que incluem desde a reserva de vagas em empresas com mais de cem funcionários, até o atendimento preferencial em bancos e repartições públicas, alterando o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990 (BRASIL, 1990).

Através do decreto nº 8.368, de 2 de dezembro de 2014 foi regulamentada a Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, que instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (BRASIL, 2014).

Claro que, nossa Constituição faz muito mais referências em suas leis ao deficiente e suas garantias de direitos em todos os níveis da vida. Citamos apenas aquelas que são mais pertinentes a essa discussão.

“Inclusão Educacional é o direito à igualdade de oportunidades, o que não significa um modo igual de educar a todos e sim de dar a cada pessoa o que necessita, em função de suas características e necessidades educacionais.” (CARVALHO, 2007, p. 81). É permitir que cada aluno possa aprender de uma forma diferente e que pode ser produtivo independente de suas possíveis limitações ou situações especiais. Isso quer dizer aulas adaptadas ao aluno, conteúdo pensado para a forma como ele aprende, a fim de “tirar” dele o que ele tem de melhor, valorizá-lo, incentivá-lo.

“O conceito de paradigma no qual a deficiência não é responsabilidade exclusiva de quem a tem, cabendo à sociedade modificar-se para propiciar uma inserção total de qualquer pessoa, independentemente de seus deficit ou dificuldades. Sociedade, aqui, representada pela escola, uma vez que estamos tratando da inclusão educacional.” (LOPES, 2008).

“Falamos em um paradigma porque na busca pelo atendimento às necessidades educacionais das pessoas com deficiência, historicamente, a Educação já passou por vários momentos, podemos dizer, das práticas de extermínio (em que deficientes físicos eram vistos como anormais deixados de lado pela sociedade,

vivendo a margem dela, e muitas vezes assassinados por serem consideradas aberrações, imperfeitos, inúteis) à inclusão – proposta atual.” (LOPES, 2008).

A inclusão, portanto, requer uma revolução de paradigmas. Não significa apenas colocar pessoas “diferentes” num lugar em que não costumavam estar, a classe regular. Significa não mais conceber as necessidades especiais como imutáveis ou incapacitantes. Significa, ademais, rever o papel da escola e conscientizá-la de que sua responsabilidade é educar a todos, sem discriminação. Logicamente, isso exige uma reviravolta estrutural na sociedade, como um todo (KAFROUNI; SOUZA PAN, 2001, p. 33).

Preservar a diversidade apresentada na escola, encontrada na realidade social, representa oportunidade para o atendimento das necessidades especiais educacionais com ênfase nas competências, capacidade, habilidades e potencialidades apresentadas pelo educando, e não em suas dificuldades.

Ao refletir sobre a abrangência do sentido e do significado do processo de Educação inclusiva, estamos considerando a diversidade de aprendizes e seu direito à equidade (CARVALHO, 2005).

Temos o direito de sermos iguais e diferentes, isso depende da situação e do ponto de vista, infelizmente vivemos arraigados a um senso comum que define competência baseada numa falsa perfeição que na maioria das vezes só existe na ilusão e cresce na ignorância das pessoas.

Trata-se de equiparar oportunidades, garantindo-se a todos – inclusive às pessoas com situação de deficiência e aos de altas habilidades/superdotados, o direito de aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a ser, e aprender a conviver (CARVALHO, 2005).

No entendimento de Rodrigo Mendes (2012 apud ALONSO, 2012), além de ser um direito, a Educação inclusiva é uma resposta inteligente às demandas do mundo contemporâneo. Incentiva uma pedagogia não homogeneizadora e desenvolve competências interpessoais. A sala de aula deveria espelhar a diversidade humana, não escondê-la. Claro que isso gera novas tensões e conflitos, mas também estimula as habilidades morais para a convivência democrática. O resultado final, desfocado pela miopia de alguns, é uma Educação melhor para todos.

Uma escola precisa ter condições físicas adequadas, e seus profissionais uma formação especializada preparada para receber os alunos deficientes. Nem sempre temos como realidade diária a situação ideal, é comum professores receberem alunos com diversas deficiências e até mesmo tendo múltiplas delas, sem saber o que fazer

como agir, pois não são preparados para isso. Isso acontece em todos os níveis educacionais, as dificuldades dos profissionais para trabalhar com alunos com deficiência existem em todas as esferas inclusive na educação profissional, onde professores das áreas técnicas nem sempre tem formação pedagógica, estando em busca de complementação na área educacional para melhorar seu desempenho enquanto docente, no entanto muitas vezes também não possuem formação para trabalhar com alunos com dificuldades tão específicas.

De que forma as escolas preparam seus profissionais para tal realidade? Essa é uma questão a ser pensada, será que as escolas enquanto gestão está preparada para dar suporte aos professores e dar a devida atenção a esses alunos? A realidade muitas vezes mostra professores despreparados, muitas vezes desmotivados, com uma demanda de trabalho cada vez maior, as dificuldades só aumentam, contudo as possibilidades de profissionalização e aperfeiçoamento são raras. Claro, que isso é uma realidade diferente em algumas localidades, pois em alguns locais já tem a preocupação em investir na melhoria dos espaços e na capacitação pedagógica e formativa dos profissionais atuantes na escola.

Os alunos precisam aprender isso é fato, a questão é como fazê-lo, por exemplo, numa sala de aula de um curso técnico na área de Administração, na disciplina de Relações Humanas o professor precisa desenvolver em seus alunos a capacidade de relacionamento interpessoal, a fim de melhorar seu desempenho nos trabalhos em equipe, pois bem se nessa sala houver um aluno autista, que por conta do transtorno tem como principal característica a dificuldade ou até mesmo a inexistência de interação social, de que forma o professor vai trabalhar esse conteúdo, se ele não é assim? E na educação infantil onde se tem o objetivo de ensinar a compartilhar e conviver com as demais crianças, isso é difícil para um autista porque ele tem dificuldades na interação e socialização. Esses exemplos mostram que mesmo em níveis diferentes de escolaridade haverá sempre dificuldades encontradas que precisam ser pensadas e solucionadas.

Segundo Esther Lopes (2008) em seu estudo *Estratégias Para a Inclusão do Aluno com Necessidades Educacionais Especiais no Ensino Regular*, relata que também se faz necessário não somente práticas pedagógicas diferenciadas, como formas diferentes nas formas de avaliar esses alunos, a exigência não pode ser a mesma, não podemos ter o mesmo olhar. As avaliações assim como as aulas

precisam ser adaptadas, adequadas às condições de cada aluno em sua individualidade.

## **2.2 TEA – Transtorno do espectro autista**

Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014), o TEA é entendido como um transtorno do neuro desenvolvimento e pode ser definido da seguinte forma:

O transtorno do espectro autista caracteriza-se por deficit persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, incluindo deficit na reciprocidade social, em comportamentos não verbais de comunicação usados para interação social e em habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos. Além dos deficit na comunicação social, o diagnóstico do transtorno do espectro autista requer a presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014, p. 31).

Definindo de forma simples, o TEA qualifica-se como um transtorno neuropsiquiátrico que apresenta sinais e sintomas básicos, como dificuldade de interação social, deficit de comunicação social (quantitativo e qualitativo), e padrões inadequados de comportamento. A palavra foi utilizada primeiramente por Bleuler, em 1911, significando a perda de contato com a realidade. O termo foi cunhado analisando as crianças pesquisadas, que viviam num mundo próprio, “dentro de si mesmas”, e daí é proveniente a raiz “auto” (voltado para si próprio) (CUNHA, 2012, p. 12). Autistas geralmente apresentam dificuldade na interação social, deficit de comunicação e padrões inadequados de comportamento, porém nem todos são iguais, por isso são classificados de acordo com o nível de autismo, podendo ser leve, moderado ou severo, dependendo das características encontradas, pois alguns têm maiores dificuldades e outros um melhor desenvolvimento cognitivo e relacionamento social. Mesmo autistas de mesmo grau são diferentes entre si, ai está a dificuldade também de saber exatamente quais terapias e procedimentos são mais adequados a cada um deles, porque às vezes o que funciona para um pode não dar certo com outro.

As causas do Transtorno do Espectro Autista são, até hoje, desconhecidas, mas acredita-se que tem sua origem em anormalidades (de origem genética) em alguma parte do cérebro, ainda não definida de forma conclusiva. Quem é autista tem uma aparência normal, não parece ser autista. Ainda de acordo com a cartilha da ABA

(KNIBEL, 2017), o autismo pode manifestar-se desde os primeiros dias de vida, mas é comum pais relatarem que a criança passou por um período de normalidade anterior à manifestação dos sintomas.

Um dos principais problemas é o diagnóstico do transtorno. Como ainda não há marcadores biológicos e exames específicos para o autismo, o diagnóstico é clínico feito por meio de observação direta de comportamentos e uma entrevista com pais ou responsáveis (KNIBEL, 2017). Por ser um espectro, o autismo engloba vários e diferentes níveis de funcionamento e transtornos, tais como: Autismo Clássico, Síndrome de Asperger (termo que atualmente já não se usa mais), Autismo Atípico, Autismo de Alto Nível Funcional, Perturbação Semântico pragmática, Perturbação do Espectro do Autismo (ASD) (OMS, 1992).

O tratamento indicado para o espectro vai desde atendimentos clínicos com psicólogos, psiquiatras, médicos neurologistas, psicopedagogos, fonoaudiólogos, terapias alternativas como musicoterapia, piscina, equoterapia, a fisioterapia, psicomotricidade, jardim sensorial, estimulação, terapia ocupacional entre outras, tudo para melhorar o desenvolvimento do autista, contudo não necessariamente o autista tenha que realizar todas as terapias, isso varia de pessoa para pessoa, pois cada um tem uma necessidade específica, até porque ele precisa ter uma vida com rotina e atividades normais além das terapias (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2000).

Dentre as principais situações encontradas em autistas é a interação social e a dificuldade em se comunicar, movimentos repetitivos e algumas estereotípias, comportamentos disruptivos, o que faz com que em ambientes não propícios ou inadequados ele tenha dificuldades sérias para permanecer e a falta de compreensão dos demais no seu entorno pode ser um dificultador (SKINNER, 1998).

Já sabemos que o autismo é um transtorno do neuro desenvolvimento que afeta, de diferentes formas, a capacidade da pessoa em se comunicar, estabelecer relacionamentos e a responder apropriadamente ao ambiente em que vive.

“A gravidade baseia-se em prejuízos na comunicação social e em padrões de comportamento restritos e repetitivos”. (LOPES M, 2016).

No nível 1 (leve) nesse caso a pessoa exige um cuidado não tão acentuado, e muitas vezes o autismo passa despercebido pelos demais, já que ele é mais independente, porém precisa de apoio e de terapias de igual forma. A comunicação social sofre prejuízos e atrapalha a interação social o que muitas vezes é confundido com timidez. Comportamentos restritos e repetitivos: Inflexibilidade de comportamento



causa interferência significativa no funcionamento em um ou mais contextos. Dificuldade em trocar de atividade. Problemas para organização e planejamento são obstáculos à independência (LIGA ACADÊMICA DE PEDIATRIA, 2017).

No nível 2 (moderado) exige um suporte maior, dificuldades maiores na comunicação, comportamento inflexível, dificuldade de lidar com a mudança e sofrimento e/ou dificuldade de mudar o foco ou as ações (LIGA ACADÊMICA DE PEDIATRIA, 2017).

No nível 3 já é exigindo apoio muito substancial devido a déficits graves nas habilidades de comunicação e socialização, inflexibilidade de comportamento e grande sofrimento/dificuldade para mudar o foco ou as ações (LIGA ACADÊMICA DE PEDIATRIA, 2017).

O TEA pode variar de pessoa para pessoa e, por se tratar de um espectro, ainda não há um tratamento único.

São inúmeras as dificuldades para trabalhar em sala de aula com um autista, seja pela dificuldade de comunicação e interação, pela questão sensorial, já que são comuns eles se incomodarem com barulho.

Entende-se hoje que o autismo não é um quadro único podendo ser definido como um distúrbio complexo do desenvolvimento, marcado de um ponto de vista comportamental, com etiologias múltiplas e que se manifesta através de graus variados de gravidade (GADIA, 2006). Esta condição é definida por uma tríade diagnóstica que inclui três dimensões: Interação social, comunicação e comportamentos restritos e estereotipados (APA, 2002).

Estudos recentes indicam que o autismo clássico acomete até 16 crianças a cada 10.000 e o espectro do autismo engloba de 20 e 50 crianças a cada 10.000 (LOTTER, 1966; CHAKRABARTI, FOMBONNE, 2005). Desse modo o autismo passa a ocupar o terceiro lugar entre os transtornos do desenvolvimento, superando as prevalências de malformações congênicas e Síndrome de Down.

O diagnóstico é essencialmente clínico. Baseia-se nos sinais e sintomas e leva em conta os critérios estabelecidos por DSM-IV (Manual de Diagnóstico e Estatística da Sociedade Norte-Americana de Psiquiatria) e pelo CID-10 (Classificação Internacional de Doenças

da OMS), o comprometimento e o histórico do paciente (VARELLA, 20-  
-).

Conforme Belisário, Cunha e Mata (2010) é grande o impacto nos profissionais da educação que recebem estes alunos na escola quando se deparam com suas reações, pois ainda estão diante de uma experiência nova.

Em face dessa novidade, muitos professores relatam sentirem-se despreparados para atender essa demanda na inclusão, gerando uma sobrecarga de estresse (BAPTISTA; OLIVEIRA, 2002; CAMARGO; BOSA, 2009; JORDAN, 2005).

Este “despreparo docente” para lidar com o autismo aponta para uma falta de conhecimento a esse respeito, que impede os professores de identificar corretamente as necessidades de seus alunos. Isso gera ideias distorcidas sobre as possibilidades de educação dessas crianças e a dificuldade de lidar com seus problemas de comportamento (BAPTISTA, VASQUEZ, RUBLESCKI, 2003). Nesse sentido o sujeito é visto pelo professor somente sob o ângulo de suas limitações, conseqüentemente comprometendo a prática pedagógica a ser desenvolvida com estes alunos.

De fato, Goldberg, Pinheiro e Bosa (2005) mostram que os temores dos professores diante da inclusão de pessoas com autismo podem levar à adoção de estratégias em sala de aula que visam dominar a ansiedade e o estresse dos professores mais do que configurar uma prática pedagógica que atenda as reais necessidades do aluno.

## **2.4 Metodologias Ativas de Aprendizagem**

O que são as metodologias ativas de aprendizagem? São metodologias diferenciadas a serem aplicadas em diferentes situações e contextos com intuito de tornar o processo de ensino aprendizagem mais efetivo e atrativo. Quais são os benefícios das metodologias ativas de aprendizagem? Através delas os alunos

adquirem maior autonomia; desenvolvem confiança; passam a enxergar o aprendizado como algo tranquilo; tornam-se aptos a resolver problemas; tornam-se profissionais qualificados e valorizados (PINTO, 2016).

Portanto, a aplicação de metodologias ativas de aprendizagem tem um papel importante para a educação, especialmente no Brasil, onde o setor necessita de transformações substanciais.

Por isso, é preciso investir não somente em bons conteúdos, mas se faz necessário ter consciência de que aprimorar os procedimentos usados para educar é algo extremamente relevante.

É colocar o aluno como protagonista no processo aprendizagem, ele é responsável pelo seu aprendizado tendo na figura do professor um orientador, um facilitador que lhe direciona na busca pelo conhecimento indicando caminhos, sendo que a responsabilidade pelo aprendizado e sua busca depende do aluno, ele fica responsável pelo seu próprio desenvolvimento.

Quais são os tipos de metodologias ativas? Aprendizagem baseada em problemas, Aprendizagem entre pares ou times, Aprendizagem híbrida, Aprendizagem por sala de aula invertida, Estudo de casos, Gamificação, Rotação por estações (PINTO, 2016).

- **Aprendizagem baseada em projetos** tem por objetivo fazer com que os alunos adquiram conhecimento por meio da solução de problemas reais, tratados como desafios. Por isso, ele exige muita pesquisa e pro atividade. Objetiva a prática, colocar “as mãos na massa” (ROSA A, 2018).
- **Aprendizagem baseada em problemas** similares a aprendizagem baseada m projetos, porém o foco é diferente, enquanto na aprendizagem baseada em objetos o foco é na prática, no produto, a aprendizagem baseada em problemas é mais teórica, focada nas possibilidades, nas soluções (ROSA A, 2018).
- **Estudo de caso** oferece ao aluno a possibilidade de direcionar sua própria aprendizagem, objetivo de preparar o aluno para situações reais, soluções de problemas mais complexos do cotidiano (ROSA A, 2018).
- **Sala de aula invertida** substitui a maioria das alas expositivas utilizando conteúdos virtuais, torna a aula mais atrativa, utilizar recursos visuais, vídeos, imagens e pode ser acessada antes da aula para que durante a mesma não se perca tempo, pois com conhecimento prévio do conteúdo a ser tratado, as aulas servem para sanar dúvidas e desenvolver projetos, e solucionar as questões

(ROSA A, 2018).

- **Ensino híbrido** permite ao aluno estudar sozinho, podendo ser mais autodidata, desenvolvendo parcialmente em casa e parcialmente em sala, o aluno estuda e aprende no seu tempo e é instigado a buscar aprofundar os conhecimentos prévios durante o momento presencial (ROSA, A 2018).
- **Aprendizagem em pares ou times** ajuda muito no trabalho em equipe e na socialização, aprendizagem mútua compartilhando ideias e pontos de vista para encontrar soluções de forma conjunta, benéfico na busca de conhecimento porque precisam se ajudar trabalhando de forma colaborativa para chegarem ao ponto de resolver os desafios (ROSA A, 2018).
- **Gamificação** é uma forma atrativa e divertida de aprender, através de jogos de perguntas e respostas e outros formatos acaba sendo uma ferramenta interessante, estimula a busca do conhecimento de forma competitiva sempre com uma recompensa ao final, tornando conteúdos complexos em materiais mais acessíveis facilitando o aprendizado de forma mais dinâmica (LUDO PRO, 2019).
- **Rotação por estações** “a metodologia prevê a criação de um circuito dentro da sala de aula, com atividades diferentes em cada canto. Cada uma das estações deve propor uma atividade diferente sobre o mesmo tema central, ao menos uma das paradas deve incluir tecnologia digital. A ideia é que os estudantes, divididos em pequenos grupos de 4 ou 5 pessoas, façam um rodízio pelos diversos pontos. É importante ressaltar que o trabalho em cada estação deve ser independente das outras. Ou seja, precisa ter começo, meio e fim, sem exigir um exercício prévio para sua compreensão. Por quê? Como cada grupo vai começar em uma estação diferente e circular a partir dela, é preciso que os grupos sejam capazes de resolver cada desafio isoladamente.” (SASSAKI, 2016).

Baseado nas características presentes nos autistas à escolha pelas Metodologias Ativas de aprendizagem deve-se as características que as pessoas com o transtorno têm como dificuldade de trabalhar em equipe, dificuldades de permanecer num mesmo ambiente e interagindo com os demais, uma forma muitas vezes mais lógica e objetiva de trabalhar, preferir trabalhar num mesmo local de uma mesma forma, e levando em consideração de essa forma de aprendizagem não limita o aluno

autista ao espaço e aos formatos tradicionais, ele pode andar de um lado para o outro, por exemplo, enquanto pensa e isso não interfere na dinâmica das aulas, pode escrever ou ter todo o trabalho em mente e pode explicar aos demais no seu ritmo, isso pode auxiliar os alunos do espectro e professores no processo de aprendizagem e facilitando processo de avaliação.

Dentre os critérios mais importantes no processo de ensino aprendizagem estão a organização, participação, realização das tarefas propostas, adquirir os conhecimentos teóricos necessários e a capacidade de forma crítica colocada em prática com capacidade de tomar decisões e descobrir soluções para situações-problema, tendo compreensão dos fatos, percepção do entorno e investigar as possibilidades.

Aprendizagem através de metodologias diferenciadas, como as metodologias ativas, não só instiga o aluno a pensar dentro da sua maneira a solucionar problemas existentes, de forma criativa e inovadora, permitindo ao autista a possibilidade de “sair do seu mundo de isolamento” e mostrar aos demais o que ele pensa e como pensa, e isso pode ser feito em equipe ou pode ser um processo sozinho, porque a lógica do autista é diferente dos demais, ele é mais lógico, porém ao contrário do que muitos dizem ele tem criatividade e imaginação, mas tem a mente aberta a outras formas de pensar que sempre fugirão do senso comum (ANDRADE J, SOUZA, SILVA, 2019).

Colocar um aluno com TEA numa situação-problema ou possibilidade de um de forma que ele precise encontrar soluções, caminhos, possibilidades é estimulá-lo a demonstrar como sua cabeça funciona, e tira ele da rotina que tanto o incomoda, se puder utilizar tecnologia nesse percurso também se torna atrativo, já que boa parte dos autistas se dá bem com uso de tecnologias inclusive as assistivas, também oferece a possibilidade do aluno trabalhar fora do contexto escolar, porque ele não depende do ambiente para desenvolver a tarefa.

Lembrando que essa metodologia pode ser aplicada ao mesmo tempo aos alunos autistas e aos demais porque coloca o aluno como responsável pelo seu aprendizado, lhe dá autonomia e o tira da zona de conforto estimulando-o a pensar e criar soluções sozinho, ou em equipe, não ficando focado na pessoa do professor, apenas recebendo informações prontas. É uma ótima estratégia para melhorar a qualidade das aulas e ser mais eficiente para os alunos.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O ponto de partida é a pesquisa sobre as características do TEA e posteriormente das metodologias ativas, que pode ser trabalhada com todos os alunos inclusive os que têm alguma deficiência.

Exatamente pelas características das metodologias ativas de aprendizagem acredita-se que é possível realizar mudanças substanciais nos procedimentos e avaliações realizados hoje, a fim de conseguir alcançar melhores resultados, tanto com relação a notas e aprovações, quanto às questões de comportamento e interação social.

Esse formato de trabalho exige do aluno o seu máximo para explorar as soluções possíveis dentro de um contexto específico — seja utilizando a tecnologia ou os diversos recursos disponíveis, o que incentiva a capacidade de desenvolver um perfil investigativo e crítico perante alguma situação. Além disso, o professor não deve expor toda metodologia a ser trabalhada, a fim de que os alunos busquem os conhecimentos por si mesmos. Porém, é necessário que o educador dê um feedback nos projetos e mostre quais foram os erros e acertos (PINTO, 2016).

A ideia é observar como esta metodologia pode vir a ser aplicada, de forma que possa contribuir em sala de aula onde há alunos com e sem deficiências, focando principalmente nos benefícios que pode trazer num cenário onde há alunos autistas, além de verificar quais os desafios encontrados e possíveis soluções adequadas para cada situação.

Partindo da pesquisa conceitual, passamos para um novo passo que é a pesquisa bibliográfica com leituras sobre materiais que abordem as práticas pedagógicas tradicionais e as metodologias ativas e de que forma colocamos isso num contexto de sala de aula com alunos autistas.

Na sequência através de entrevistas e questionários com 10 perguntas estruturadas abertas aos profissionais da APAE, escolha essa devido a serem aptos a avaliar as necessidades de alunos com TEA, tanto com relação a sua rotina quanto aprendizagem e interação social. Profissionais esses que atuam em atendimentos nas terapias e sala de aula na escola da APAE como no centro de reabilitação da escola. Para haver uma compreensão melhor do caso escolhido, se faz necessário essas entrevistas com psicólogas, fonoaudiólogas, psicopedagogas e especialistas em educação especial para um maior conhecimento e entendimento sobre o

comportamento dos autistas para compreender suas dificuldades de aprendizagem e inserção social. Assim como médico neurologista e psiquiatra infantil, professores que atuam no jardim sensorial, nas terapias ocupacionais, pedagogas, professores de música, da equoterapia e da piscina, o intuito é compreender a visão de cada profissional na sua área de atuação com relação à melhoria que pode desenvolver ao autista. Um total de 12 profissionais nessa instituição.

Findando a pesquisa, e entrevistas com profissionais da área especial e inclusiva, chegamos ao momento de verificar *in loco* como as escolas na prática atuam diariamente em sala de aula com alunos do espectro.

Observar de forma crítica e criteriosa as aulas e da mesma forma realizar questionário com perguntas estruturadas abertas à equipe pedagógica das escolas e seus professores a fim de entender com é a realidade deles e o que pode ser realizado através das metodologias ativas de aprendizagem para melhorar os resultados obtidos até então.

O foco das perguntas realizadas com departamento pedagógico é saber como a escola se prepara para receber alunos com autismo e como a equipe pedagógica prepara seus professores para tal situação. Nesse setor foram abordados cerca de 8 profissionais entre orientadores e supervisão.

A abordagem foi qualitativa, e essa escolha da pesquisa qualitativa como metodologia de investigação é feita porque o objetivo do estudo é entender o porquê das metodologias utilizadas nas escolas, o propósito não é contabilizar quantidades como resultados, mas sim conseguir compreender o comportamento, o que é feito e porquê é feito desta forma.

O objetivo escolhido é o exploratório, pois permite uma maior familiaridade entre o pesquisador e o tema pesquisado, visto que este ainda é pouco conhecido, pouco explorado.

Por ser uma pesquisa bastante específica, pode-se afirmar que ela assume a forma de uma pesquisa exploratória, sempre em consonância com outras fontes que darão base ao assunto abordado, como é o caso da pesquisa bibliográfica e das entrevistas e questionários com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado. Procedimentos técnicos será inicialmente a pesquisa, essa escolha deve-se ao fato de haver materiais publicados para conhecimento e depois poder pesquisar a possibilidade de implantação após conversas e questionários com professores. Importante mencionar também os instrumentos utilizados para coleta dos

dados que serão realizados através de questionário e entrevistas com professores de 2 escolas estaduais (1 de ensino médio técnico e 1 de ensino fundamental) e 1 municipal (de educação infantil) do município de Tubarão SC, em torno de 50 professores e 8 profissionais. Foram realizadas 17 perguntas abertas aos profissionais.

Também conversei com mais ou menos 20 alunos dentre esses 7 autistas com idades de 5 a 19 anos e com 15 responsáveis pelos mesmos, contudo esses dados foram informais em nível de conhecimento e não serão computados aqui.

A escola de ensino médio técnico escolhida em Tubarão para observação foi o Centro de Educação Profissional Diomício Freitas, escola técnica estadual com em torno de 850 alunos e 125 professores, onde os alunos realizam ensino médio integrado ao curso técnico além de cursos técnicos nas modalidades Mediotec/Pronatec em que alunos fazem ensino médio em outras escolas e apenas o técnico na modalidade concomitante e também cursos técnicos pós-médio. A escolha desta escola se deve porque ela foca no mercado de trabalho áreas profissionalizantes e possui diversos alunos de inclusão com as mais diversas deficiências inclusive autistas.

As demais instituições foram alvo da pesquisa e questionário e não da observação. O público a quem esse estudo se destina são professores da rede estadual e municipal da referida cidade, tanto aqueles que têm alunos autistas em suas classes como os que ainda não os tem, o intuito é ajudá-los apresentando as metodologias ativas – aprendizagem baseada em projetos, como alternativa para suas aulas.

Inicialmente a abordagem foi feita através de questionário aplicado nas 3 escolas com em torno de 50 professores e 8 integrantes da equipe pedagógica. Perguntas específicas aos professores e equipe pedagógica de forma estruturada e abertas a fim de deixar os mesmos livres para responder e explicar suas respostas. Com a equipe pedagógica foram realizadas 12 perguntas abertas.

De acordo com os resultados, houve condições de analisar o conhecimento que os professores têm sobre metodologias ativas, tecnologia, autismo, e se estão abertos à mudança assim como foi possível observar aulas e sugerir implantação de uma abordagem ativa através do uso de alguma metodologia ativa de aprendizagem de sua escolha, a fim de inovar e observar os resultados, porém isso tudo somente se



dará se os professores se propuserem a aceitar este desafio, quebrando paradigmas e permitirem mudanças nas estratégias de ensino utilizadas até então.

Constam no apêndice os 3 questionários realizados como instrumento de pesquisa e coleta de dados, são questionários com perguntas abertas, para proporcionar maior liberdade aos profissionais para responder. Perguntas aos profissionais da APAE 10, aos professores 17 e a equipe pedagógica 12. Cada questionário é específico para a função e setor dos grupos entrevistados.

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apenas 3 professores aceitaram o desafio de aplicar algumas metodologias ativas de aprendizagem como alternativas, a escolha foi pelo estudo de caso, atividade baseada em projetos e sala de aula invertida. Após isso foi possível verificar o que mudou e melhorou no processo de ensino-aprendizagem, lembrando, que o mesmo somente aconteceu porque esses professores aceitarem o desafio e se propuseram “arriscar”. Os demais não compartilharam da mesma iniciativa, porém ficaram instigados a tentar também.

Os principais resultados obtidos durante as perguntas, entrevistas e observações foram à ausência de conhecimento primeiramente sobre o autismo após sobre como trabalhar em sala de aula com alunos que apresentam esse transtorno.

No geral boa parte dos entrevistados nunca ouviu falar em metodologias ativas, pouco ou nada conhecem sobre esse conceito:

“É difícil falar sobre deficiência porque nós não temos preparo para isso, na maioria das vezes não sei o que fazer”. (PROFESSORA)

“Conheço pouco sobre autismo, parece moda falar sobre isso agora, não sei bem certo como identificar e como esse aluno aprende, não temos suporte, formação para isso por parte da escola nem da Coordenadoria de Educação”. (PROFESSOR)

Observou-se até mesmo um desconforto entre os professores que não estão habituados a ter alunos com deficiência ao falar no assunto, porque lhes fez repensar suas metodologias e avaliações e de fato muitos deles disseram que não sabem como fazê-lo.

O público ficou impactado ao perceber que não apenas um deles e sim grande parte dos professores não sabem o que fazer quando se deparam com alunos autistas.

Percebe-se que o maior desafio foi fazer com que os professores e equipe escolar parassem para pensar e falar sobre esse assunto, muitos diziam que já estavam cansados de falar em inclusão e que de fato não sabem o que fazer e que isso seria responsabilidade do segundo professor.

Observou-se que o autismo ainda é uma incógnita para muitos, e por isso gera certo desconforto, porque as pessoas ainda têm pouco ou nenhum conhecimento sobre o mesmo e o pouco que sabem são coisas que ouviram falar, mais senso comum do que conhecimento específico real, ainda há muito preconceito e falar sobre

esse tema traz quebra de paradigmas nem sempre bem-aceita já que envolve mudança nas metodologias de trabalho e critérios avaliativos, e isso incomoda.

Verificou-se que durante as perguntas alguns professores sentiam-se desconfortáveis, como se a autora estivesse avaliando eles e sua forma de trabalhar.

“A minha jornada é grande e são muitos alunos, é complicado preparar avaliações diferenciadas, sempre achei que essa era função do professor 2, é fácil cobrar que a gente inove com uma turma cheia em que nem todos querem aprender”.  
(PROFESSORA)

Quando tratado sobre metodologias ativas e aprendizagem baseada em projetos eles simplesmente desconhecem ou acham que para tudo precisa de computador e internet o que muitas escolas não têm.

Quando conversado com a equipe pedagógica num geral diz não tratar do tema quando não tem alunos com essa situação, e também não sabem o que fazer quando se deparam com alunos autistas matriculados tão pouco conseguem dar suporte aos professores, e reclamam não ter esse suporte também da Gerência de Educação e que a mesma não é atuante nesse sentido.

“Nós tentamos dar suporte ao professor, porém também não recebemos esse preparo da Coordenadoria, a gente faz o que pode, mas não temos formação nem capacitação específica para autismo e nem sabia o que era essa metodologia ativa”.  
(ORIENTADORA PEDAGÓGICA)

Foi possível constatar que ainda há muito a estudar, pesquisa sobre o TEA e as deficiências num geral a fim de preparar melhor os professores para receberem esses alunos e saber como agir nesses casos. A escola precisa estar com toda a equipe pedagógica preparada para dar esse suporte aos seus profissionais, é um trabalho árduo, cheio de percalços que vão desde o desconhecimento da deficiência e conseqüente despreparo como questões estruturais e materiais.

“O aluno com TEA, precisa de um olhar diferenciado, um autista é diferente do outro, a família precisa entender que as terapias auxiliam e ajudam na evolução, mas isso não significa cura, autismo não é doença, o autista não vai deixar de ser autista, ele pode melhorar, se desenvolver, no entanto continuará sendo autista. Ele tem capacidades e dificuldades que variam de grau, a sociedade não está preparada para isso, nem a família e nem a escola, o próprio autista dependendo do grau não tem essa concepção e entendimento”. (PSICOPEDAGOGA)

Observou-se também a necessidade de evoluir no conhecimento de novas

metodologias de trabalho e formas inovadoras e diferentes de avaliar, utilizar as ferramentas e objetos possíveis para esse fim. As tecnologias podem auxiliar e muito nesse processo ensino/aprendizagem.

“É comum encontrar autistas com dificuldade na comunicação verbal que se desenvolvem muito bem usando tecnologias, com raciocínio rápido e organização de ideias, mas isso não é uma regra, o que funciona para um pode não dar certo com outro, cada caso é um caso. Por isso os acompanhamentos realizados pela equipe multidisciplinar aqui na Apae são importantes, eles estão constantemente sendo avaliados e reavaliados, para ver a evolução de cada aluno”. (PSICÓLOGA)

Ficou evidente o despreparo dos profissionais, porém uma angústia entre os especialistas em educação inclusiva dita “especial” em proporcionar aos alunos com deficiência uma qualidade de ensino, com oportunidades iguais mesmo com todas as dificuldades sempre há uma forma de contemplar esses alunos nas propostas pedagógicas da escola. Precisa-se fomentar nos educadores a necessidade e a curiosidade de estudar mais sobre o autismo e de que forma as tecnologias e metodologias inovadoras podem contribuir no trabalho que os professores exercem em sala de aula e no quanto a gestão escolar precisa se voltar para esse universo.

“Quando no início de cada ano ficamos sabendo que teremos aluno com deficiência ficamos sempre com pé atrás porque a não sabemos o que nos espera, na escola pública as dificuldades são imensas, é uma realidade triste ficamos muitas vezes sem apoio da própria família no processo, porque nem sempre levam os filhos para as terapias e atendimentos, é comum não aceitarem o diagnóstico de TEA, e acham que a escola sozinha é a única responsável pelo ensino e aprendizagem, como se fosse fácil, tem professor que também não se esmera, não procura adaptar ou modificar a forma com a qual trabalha e avalia. Não é fácil”. (SUPERVISORA PEDAGÓGICA)

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O principal resultado obtido foi à discrepância entre o que pregamos sobre inclusão e a prática dela no dia a dia das escolas. Porque ficou evidente que temos

um caminho longo pela frente para alcançar de fato a inclusão a qual defendemos, ao menos nos discursos.

Sabemos que não é tarefa fácil, e educação é algo complexo por si só, imagina educação inclusiva, onde os profissionais nem sempre tem o preparo adequado e os materiais que precisam.

Como o uso de metodologias ativas pode contribuir na aprendizagem e desenvolvimento do aluno autista? Justamente por ser uma opção ao tradicional, uma metodologia que inova e se adapta a um processo educacional tão complexo, num mundo tão dinâmico em que a educação precisa urgentemente acompanhar e evoluir, não apenas o aluno autista como os demais, tem possibilidades alternativas de adquirir conhecimento da forma que ele consegue, à sua maneira e no seu tempo, isso facilita o aprendizado e o mesmo se torna mais atraente e atrativo.

Isso acontecerá primeiramente através de vontade coletiva e individuais de cada individuo envolvido na educação e políticas públicas adequadas com investimentos corretos.

Conseguimos cumprir o objetivo inicial que era propor mudanças aos professores para que aprendessem sobre as metodologias ativas e entendessem o quão positivo ela pode ser se aplicada com alunos autistas, enfoque dessa pesquisa, sendo que de fato os professores e equipe pedagógica não apenas não sabem o que fazer com alunos autistas como desconhecem formas de trabalhar com os mesmos, por isso já considero esse estudo válido, porque fez com que eles refletissem sobre seus alunos e as possibilidades que há para desenvolverem melhores suas aulas, certamente a aprendizagem baseada em projetos será uma aliada deles daqui para frente.

Percebeu-se o quanto esse assunto de educação inclusiva incomoda os profissionais da educação, alguns porque de fato não querem atuar com alunos deficientes, outros porque não querem modificar suas aulas e avaliações, e há ainda muitos que sentem necessidade de aprender, porém não recebem suporte das instâncias maiores ficando sem saber como agir.

Ficou claro o desconhecimento sobre autismo, suas características e possibilidades, assim como desconhecimento sobre o que são metodologias ativas. Creio que essas questões norteadoras precisam continuar sendo tratadas nas escolas com suporte da gerência de educação, pois sozinhas as equipes pedagógicas não conseguem, precisa-se pensar e repensar nas metodologias aplicadas em sala de

aula com alunos autistas e o quanto pode ser melhorado se houver uma vontade coletiva com intuito de melhorar não somente o aprendizado do aluno como o trabalho do professor.

Creio que foi possível estimular a discussão e “plantar uma semente”, gerar a curiosidade sobre como essas novas metodologias podem ajudar a todos na escola e de como é possível ensinar um aluno com TEA assim como os demais apesar das dificuldades enfrentadas.

Ao longo dessa pesquisa essa professora/pesquisadora também repensou como trabalhar com alunos autistas para que ele seja verdadeiramente incluído e aprenda como os demais, respeitando suas estereotípias e características inerentes ao transtorno. E como mãe de um autista ainda criança vê que o caminho é árduo e que será necessário ajudar os professores a entenderem como ele funciona e de que forma ele pode aprender, melhorar seu comportamento, é um trabalho conjunto, um esforço de todos os envolvidos, família, aluno, escola como um todo.

Esse é um assunto que deve continuar a ser debatido amplamente. A pesquisa surgiu, por existir essa inquietação acerca da inclusão e a forma como são utilizadas as metodologias para se trabalhar com os estudantes com Necessidades Educacionais Especiais (NEE) nas escolas, em ênfase, o aluno com autismo.

Quanto à inclusão do aluno com deficiência em sala de aula, é coerente afirmar que só há inclusão quando o aluno se sente no processo de aprendizagem, participando ativamente e conseqüentemente atingindo metas dia após dia. Para isso, a escola deve atender a essas necessidades, principalmente, propondo que esse aluno e os demais sejam sujeitos conscientes no processo de aprendizagem.

Nada melhor que desvendar o universo das metodologias ativas ela tem muitas possibilidades a ser aplicada com todos os alunos inclusive autistas, isso fará com que as aulas sejam realmente inclusivas sem desgaste ao professor nem frustração ao aluno. Creio numa mudança de paradigmas, numa melhoria da educação e na inclusão, autistas são capazes e as metodologias ativas, foco aqui na aprendizagem baseada em projetos oportuniza ao aluno fazer as coisas no seu tempo, do seu jeito e lhe dá uma maior segurança em estudar e aplicar de forma individual e/ou coletiva lhe incentivando a uma autonomia maior aumentando sua participação nas atividades e na sua autoestima.

## REFERÊNCIAS

ABREU B. P. de, Fernanda; ROSÁRIO M, Jéssica; BARCELOS, Dielly; BARBOSA P, Juçara; SILVA A. da, Rejane. Pesquisas relacionadas para a Inclusão. Metodologias Ativas: Tecnologias Assistivas com um novo olhar para a inclusão. **Revista Científica Multidisciplinar das Faculdades São José. Ciência Atual**. Rio de Janeiro. Volume 9, Nº 1 • 2017 | [inseer.ibict.br/cafsj](http://inseer.ibict.br/cafsj) | Pg. 04-17

ALONSO, Daniela. **Os desafios da Educação Inclusiva**: foco nas redes de apoio. São Paulo. No p relo 2012. Disponível em: [http://portalantigo.mpba.mp.br/atuacao/educ/educacaoinclusiva/artigos/DESAFIOS\\_EDUCACAO\\_INCLUSIVA.pdf](http://portalantigo.mpba.mp.br/atuacao/educ/educacaoinclusiva/artigos/DESAFIOS_EDUCACAO_INCLUSIVA.pdf). Acesso em 08 de outubro 2018.

ASSOCIAÇÃO PSIQUIÁTRICA AMERICANA. APA Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (4a. Ed.). Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 2014, pg. 31.

BAPTISTA, C.R.; VASQUEZ, C.K.; RUBLESCKI, A. F. Educação e transtornos globais do desenvolvimento: em busca de possibilidades. Cadernos da APPOA, n.114, pp.31-36, 2003.

BAPTISTA, C; OLIVEIRA, A. Lobos e médicos: primórdios na educação dos "diferentes". In C. R. Baptista e C. A. Bosa (Orgs.), Autismo e educação: reflexões e propostas de intervenção (pp. 93-109). Porto Alegre: Artmed, 2002.

BELISÁRIO J.F.; MATA O.M.; CUNHA P. A inclusão escolar de estudantes com autismo na Rede Municipal de Educação de BH- síntese da frente de trabalho autismo e síndromes. – Belo Horizonte: PBH, 2008.

BRASIL. Lei n.º 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 6 jul. 2015. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm). Acesso em: 6 set. 2018.

BRASIL. Portal da câmara dos deputados. Lei n.º. 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2012/lei-12764-27-dezembro-2012-774838-publicacaooriginal-138466-pl.html>. Acesso em: 11 nov. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LDB 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Decreto Nº 8.368, de 2 de dezembro de 2014. Regulamenta a Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2014/Decreto/D8368.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Decreto/D8368.htm). Acesso 13 nov. 2018.

BRASIL. Lei n.º 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8112cons.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8112cons.htm). Acesso em: 11 nov. 2018.

CAMARGO, S; BOSA, C. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. Psicologia e Sociedade, v.21, n.1, 2009.



CARVALHO, R.E. Diversidade como paradigma de ação pedagógica na Educação. In: **Revista da Educação Especial**. MEC/SEESP. Out. 2005.

CARVALHO, Rosita Edler. Educação inclusiva: com os pingos nos "is". 4. ed. Porto Alegre: Ed. Meditação, 2006. Pg. 81.

CHAKRABARTI, S.; FOMBONNE, E. Pervasive developmental disorders in preschool children. *Journal of the American Medical Association*, n.285, pp. 3093-3099, 2005

COLL, Cesar, et al. **Desenvolvimento psicológico e educação**, v.3, 2.ed., Porto Alegre: Artmed, 2004.

GADIA, C. Aprendizagem e autismo. In: N. T. Rotta, L. Ohlweiler e R. S. Riesgo (Orgs.). *Transtornos da aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar*. Porto Alegre: Artmed, pp 423- 433, 2006.

GIULIANA, C. **O que é Gamificação**. Disponível em: <https://www.ludospro.com.br/blog/o-que-e-gamificacao>. Acesso em 16 de dez. 2019.

GOLDBERG, K. ; PINHEIRO, L. R. S.; BOSA, C. A. A opção do professor pela área de educação especial e sua visão acerca de um trabalho inclusivo. *Perspectiva*, n.107, pp.59 – 68, 2005.

JORDAN, R. Managing Autism and Asperger's syndrome in current educational provision. *Pediatric Rehabilitation*, n.8, pp.104 – 112, 2005

JUNIOR de M. A, Jacks; SOUZA de P, Liliane; SILVA da L. C, Neidi. *Metodologias ativas: práticas pedagógicas na contemporaneidade*. Campo Grande: Editora Inovar, 2019. 203p.

KAFROUNI, Roberta; SOUZA PAN, Miriam Aparecida Graciano. Inclusão de alunos com necessidades especiais e educação básica. **InterAÇÃO**, Curitiba, 2001, n. 5, p. 31-46

KNIBELL, Letícia. Número de pessoas com autismo aumenta em todo o Brasil. 2017. Disponível em: <https://www.diariodepetropolis.com.br/integra/numero-de-pessoas-com-autismo-aumenta-em-todo-o-brasil-128661>. Acessado em 14 de fev. de 2020.

LIAPE UFPE – Liga acadêmica de Pediatria. 2017. *Transtorno do Espectro Autista*. Disponível em: <https://www.sanarmed.com/transtorno-do-espectro-autista>. Acesso em 18 de dez. de 2019

LOPES, Esther. **Estratégias para a inclusão do aluno com necessidades educacionais especiais no ensino regular**. 2008. 34 f. Programa de desenvolvimento educacional (PDE) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008.

LOPES M, Gabriel. *Transtorno do Espectro Autista F84.0*. 2016. Disponível em: <https://acaciapsi.com.br/transtorno-espectro-autista>. Acesso 12 de dez. de 2019.

LOTTER, V. Epidemiology of autistic conditions in young children. Prevalence Social Psychiatry. v.1, pp.124-137, 1966.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar**-O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2006.

MINISTÉRIO DA SAÚDE – CASA DO AUTISTA. Autismo: **Orientação Para os pais**. Brasília, 2000. Disponível em: [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd03\\_14.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd03_14.pdf). Acesso em 12 de dez. de 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE – **Classificação dos transtornos Mentais e de comportamento da CID-10**: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. Porto Alegre, Artes Médicas, 1993.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM–5) 2018. Disponível em: <https://www.psychiatry.org/psychiatrists/practice/dsm>. Acessado em 12 de fev, de 2020.

PINTO O. de, Diego. Metodologias Ativas de aprendizagem: **O que são e como aplica-las**. 2016. Disponível em: <https://blog.lyceum.com.br/metodologias-ativas-de-aprendizagem>. Acesso em 18 de dez. 2019.

ROSA, A. C. Tecnologias Educacionais – **O Papel das Metodologias Ativas de Aprendizagem**. Blog Lyceum, 5 de fev. 2018. Disponível em: <https://educacaoeinformatica.wordpress.com/2018/02/05/o-papel-das-metodologias-ativas-de-aprendizagem/>. Acesso 20 de dez. 2019.

SASSAKI, R. Kazumi. **Inclusão**: Construindo uma sociedade para todos 5.ed. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SASSAKI, Cláudio. Para uma aula diferente, aposte na Rotação por Estações de Aprendizagem. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/3352/blog-aula-diferente-rotacao-estacoes-de-aprendizagem>. Acesso em 20 de dez. de 2019.

SKINNER, B.F. – O comportamento verbal. Tradução – Maria da Penha. 1998. Villalobos. The Verbal Behavior (1958). São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1978

VARELLA, Dráuzio. Transtorno do Espectro Autista (TEA). 20...Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/transtorno-do-espectro-autista-tea>. Acesso 22 de dez. 2019.

.

.



## APÊNDICE: QUESTIONÁRIOS GRUPOS FOCAIS

### 1- Questionário realizado com professores

Abordagem feita através de questionário com perguntas específicas aos professores, perguntas abertas, realizadas em 3 escolas, uma escola de ensino médio e técnico, uma escola ensino fundamental e outra de educação infantil, 2 da rede estadual e 1 da rede municipal de ensino

1. Como são preparadas suas aulas?
2. Quais metodologias você utiliza?
3. Quais formas de avaliação você utiliza?
4. Tem alunos com deficiências? Quais?
5. Em caso de positivo como procedem para ensiná-los?
6. Quais as dificuldades enfrentadas?
7. Caso não tenha alunos deficientes quais as dificuldades que acredita que teria?
8. Gostaria ou acha necessário mudar as metodologias utilizadas em aula?
9. Já ouviu falar em metodologias ativas?
10. Se sim, quais conhece e se já aplicou alguma?
11. Quais dificuldades e resultados perceberam após seu uso?
12. Caso não conhece se estaria disposto a conhecer, aprender e executar?
13. Sabe como utilizar a tecnologia em sala de aula?
14. Há essa possibilidade ou não e por quê?
15. Conhece o TEA (transtorno do espectro autista)?
16. Tem algum conhecido, aluno com o transtorno?
17. Consegue pensar de que forma trabalharia com um aluno nessa condição?

## 2- Questionário realizado com a equipe pedagógica

As perguntas foram abertas realizadas para equipes pedagógicas de 3 escolas, uma escola de ensino médio e técnico, uma escola ensino fundamental e outra de educação infantil. Sendo 2 escolas da rede estadual e 1 da rede municipal de ensino

1. Como a escola se prepara para receber alunos com deficiência?
2. Quais as principais dificuldades que a escola enfrenta para realizar a inclusão?
3. Como os professores reagem aos saber que terão alunos deficientes?
4. A família participa no processo de inclusão do aluno?
5. Os segundos professores que vêm para dar suporte realmente conseguem fazê-lo?
6. Falando dos alunos autistas, o que mais dificulta no processo de ensino-aprendizagem?
7. Os alunos deficientes realmente conseguem participar das aulas e atividades da escola como os demais?
8. A escola acompanha os professores e alunos, observando as metodologias usadas e critérios avaliativos?
9. As aulas são adaptadas aos autistas?
10. O que falta na escola para que a inclusão seja uma realidade mais efetiva?
11. A escola recebe suporte da Gerência de Educação sobre inclusão e educação especial?
12. A escola proporciona alguma atividade de conscientização ou alguma outra atividade aos professores e alunos sobre esse tema?

### **3- Questionário realizado com profissionais oriundos da APAE**

Entrevista realizada com equipe multidisciplinar da APAE – Tubarão, profissionais que trabalham com alunos autistas na escola e nas terapias: psicóloga, psicopedagoga, fonoaudióloga, médico neurologista infantil, médico psiquiatra infantil, pedagogas, profissionais da musicoterapia, equoterapia, terapia ocupacional, piscina, atendimento sensorial e salas multifuncionais.

1. Como identificar que o aluno tem TEA?
2. Quais terapias e intervenções são necessárias?
3. Como é feito o diagnóstico do autismo?
4. Há necessidade de medicação?
5. Quais as dificuldades mais comuns encontradas com relação ao autista e a escola?
6. Um autista pode frequentar uma escola regular?
7. Você conhece as metodologias ativas de aprendizagem?
8. Você acredita que o uso de metodologias ativas pode auxiliar no processo de ensino aprendizagem do aluno autista? Por quê?
9. O que você sugere para pais de autistas com relação a forma de agir com ele?
10. O que você orientaria aos professores, gestores e equipes pedagógicas das escolas regulares com relação a forma de trabalhar e avaliar o aluno autista?